

A PRIMAVERA ÁRABE EGÍPCIA: Uma Análise das Revoluções Populares Árabes no Egito sob a Ótica Realista



Camila Schlatter Fernandes¹

Prof. Dra. Ana Regina Falkembach Simão²

1 Graduanda em Relações Internacionais / ESPM-Sul

2 Orientador

Objetivos e Método

O presente trabalho tem como **objetivo geral** analisar como a Primavera Árabe no Egito pode ser compreendida de acordo com a visão teórica do realismo e até que ponto esta teoria é aplicável ao caso a ser analisado.

Destacam-se como **objetivos específicos**:

- Compreender o que foi a Primavera Árabe;
- Fornecer um panorama sobre o Egito antes das revoltas, estabelecendo, assim, seu contexto político, econômico e social do país;
- Analisar os acontecimentos da Primavera Árabe no Egito;
- Realizar uma revisão teórica do realismo;
- Analisar os acontecimentos da Primavera Árabe egípcia à luz da teoria realista.

Para tal, a **estratégia metodológica** a ser utilizada é a pesquisa de caráter exploratório, com base em fontes documentais e bibliográficas.

Fundamentação Teórica

A fundamentação teórica a ser utilizada para analisar a Primavera Árabe no Egito tem sua base na Teoria Realista de Relações Internacionais. A utilização de paradigmas clássicos, representado pelo realismo, leva em consideração o papel dos Estados para as Relações Internacionais – papel, este, considerado não apenas clássico, mas também primordial na construção das Relações Internacionais como campo teórico. Dessa forma, será incorporada à análise da Primavera Árabe o paradigma estatal, e como estes se portaram no caso a ser estudado. Além disso, a incorporação do realismo ao escopo de análise do tema proposto, trás à tona o escopo da *realpolitik* como meio de análise integrante à visão realista das relações internacionais. Como o presente trabalho encontra-se inconcluso, a análise cuidadosa da fundamentação teórica deixou-se em segundo plano, face a uma análise mais aprofundada, *a priori*, do tema a ser tratado – devendo ser abordada mais profundamente após a entrega do relatório parcial do projeto

Considerações Sobre a Primavera Árabe Egípcia

Em 2011, o Mundo Árabe esteve em destaque no cenário internacional graças ao movimento conhecido como Primavera Árabe. Podendo ser caracterizada como uma revolta de cunho popular justificada por demandas políticas por parte da população, além de altamente influenciada por um contexto de crise econômica e social, a Primavera Árabe foi um evento considerado, para alguns autores, como um despertar popular que impactou diretamente o regime político de diversas nações da região do Oriente Médio e Norte da África. Como o projeto foi recentemente iniciado, ainda é difícil apontar resultados e conclusões parciais claras. Entretanto, é importante destacar que a Primavera Árabe teve, em si, diversos fatores, entre eles: causas econômicas (aumento de preços, desemprego, fome, entre outros), políticas (regimes pouco inclusivos, surgimento de processos de contestação e crítica pela população), sociais (contexto de níveis educacionais crescentes, papel relevante dos meios de comunicação). Ao mesmo tempo, os países envolvidos (como a Tunísia, Egito, Líbia, entre outros) tiveram contextos internos divergentes que impactaram diretamente na evolução da Primavera Árabe em seu país.

No que tange ao Egito, em relação à sua inserção internacional, alguns imperativos de política externa devem ser ressaltados, entre eles: a geopolítica; a relação entre identidade nacional e política doméstica; a relação entre anti-imperialismo e dependência; além da balança de poder regional e internacional. Estes fatores estiveram presentes na política externa dos últimos governantes do país (Nasser, Sadat e Mubarak) – com o último apresentando uma política nacionalista moderada, visando à aproximação com os demais países árabes, à aliança com os Estados Unidos e ao reposicionamento do Egito como um Estado pivô na inserção regional. Ao mesmo tempo, o país apresenta algumas restrições de cunho econômico, como uma grande mão de obra jovem, em sua maior parte desempregada, em um contexto de crescimento inflacionário, com alto

nível de endividamento público, índices que sugerem a necessidade de ajustes estruturais na economia, além de restrições geográficas que fazem o país sujeito a oscilações dos preços internacionais, (como dos alimentos e petróleo). Essas restrições tendem a afetar historicamente a política interna e externa do Egito – correlação que pode ser observada ao longo da Primavera Árabe Egípcia.

Por sua vez, é possível destacar algumas características específicas da Primavera Árabe egípcia. O contexto interno pré-manifestações era composto por uma sensação de insatisfação, principalmente pela quebra do contrato social entre Estado e sociedade, além de corrupção, imposições neoliberais, deterioração das condições sociais e repressão indiscriminada. Neste contexto, surgiram paulatinamente movimentos sociais de contestação ao regime. Entre eles, o movimento *Kefaya*, o *Movimento Jovem 6 de Abril*, a ala jovem da Irmandade Muçulmana, a esquerda egípcia, o movimento em torno de Mohamed ElBaradei, ativistas pró-direitos humanos e o movimento *Somos Todos Khaled Said*. Esses grupos tomaram parte direta nas manifestações de 2011 que, em 18 dias, levaram à derrubada de Mubarak. Há de se destacar que a utilização das mídias sociais (*Facebook*, *Twitter*), além de televisões e celulares foram essenciais para a abrangência dos protestos. Ainda, se destaca a influência estadunidense na preparação do clima psicológico para a Primavera Árabe, principalmente a partir de programas de promoção da democracia. Assim, ao longo dos anos de 2011 e 2013, a transição egípcia fora comandada pelo recém instituído Conselho Militar, culminando na eleição de Morsi. Entretanto, em 2013, novas manifestações vieram à tona exigindo sua retirada do poder, realizada novamente pelos militares e indicando que, o que parecia marcar o fim da Primavera Árabe egípcia, era na verdade apenas o início de um período de turbulência política

Principais Referências:

- BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **A segunda guerra Fria: geopolítica e dimensão estratégica dos Estados Unidos – Das rebeliões na Eurásia à África do Norte e ao Oriente Médio**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- CALVOCORESSI, Peter. **Política mundial a partir de 1945**. Tradução: Roberto Cataldo Costa; revisão técnica: Paulo Fagundes Visentini. 9ª Ed. Porto Alegre: Penso, 2011.
- HINNEBUSCH, Raymond. "The Foreign Policy of Egypt". In HINNEBUSCH, Raymond. EHTESHAMI, Anoushiravan (Org.). **The Foreign Policies of Middle East States**. United States of America: Lynne Rienner Publishers, Inc. 2002.
- JOFFÉ, George. **A Primavera Árabe no Norte de África: Origens e Perspectivas de Futuro**. In **REVISTA RELAÇÕES INTERNACIONAIS**. Junho: 2011. Pgs. 85 – 116
- KANDIL, Hazem. **A Revolta no Egito – Entrevista com Hazem Kandil**. In **NOVOS ESTUDOS**- CEBRAP: 91. Novembro de 2011. Pags. 155 – 193
- SNIDER, Erin A. FARIS, David M. **The Arab Spring: U.S. Democracy Promotion in Egypt**. In **MIDDLE EAST POLICY**. Volume XVIII, nº 3. 2011.
- VISENTINI, Paulo Fagundes. **O Oriente Médio e Afeganistão: um século de conflitos**. Porto Alegre: Leitura XXI, 2002
- VISENTINI, Paulo Fagundes. **A primavera árabe: entre a nova democracia e a velha geopolítica**. Porto Alegre: Leitura XXI, 2012.

Financiamento: